



ABC do Açude: Uma poesia contra o Estado

Felipe Figueiredo¹

Resumo: Durante a década de 1930, o nordeste brasileiro foi assolado por uma das maiores secas já registradas. O governo federal iniciou então, uma empreitada para a construção de imensos reservatórios artificiais de água denominados açudes. Durante a construção de um desses açudes no município de Macaúbas, na Bahia, certo tipo de poesia em forma de ABC foi criada e era declamada pelos trabalhadores da obra. Tal produção conta a trajetória dos operários na construção da barragem e faz algumas denúncias acerca de suas condições insalubres de trabalho. É partindo disso que esta pesquisa objetiva investigar, por um viés antropológico, a produção da vida e do conhecimento coletivo a partir da percepção e da relação com o meio em que se vive, bem como a constituição de um imaginário e de uma memória em torno desse meio e de suas modificações ao longo do tempo a partir da ação de políticas de gestão e controle da natureza e de sua própria forma física, o semiárido brasileiro.

Palavras-chave: poesia, açude, imaginário, memória, semiárido brasileiro.

Durante a década de 1930, o nordeste brasileiro foi assolado por uma das maiores secas já registradas em sua história. O governo federal então tomou como uma de suas principais de combate a seca a construção de imensos reservatórios artificiais de água denominados açudes (POMPONET, 2009, p.60), empreitada levada a cabo pela então Inspeção Federal de Obras Contra a Seca (IFOCS), atual Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (DNOCS). Um desses açudes foi construído onde hoje se encontra o

¹ Graduando em ciências sociais pela Unifesp e integrante do Grupo de Pesquisas Visuais e Urbanas (VISURB).

município de Macaúbas, localizado no sul da Bahia. A questão da seca no nordeste quase sempre foi tida (pelo Estado, particularmente) como um mero fenômeno da natureza, sendo tomada como uma peculiaridade do clima semiárido e das regiões de caatinga. No entanto, a quantidade de mortos e retirantes famintos que migravam para os centros urbanos e reivindicavam comida e emprego fez com que pela primeira vez a seca fosse tratada também como um problema social, e é só em 1932 que o Estado brasileiro passa a intervir efetivamente e de forma centralizada nesta questão (NEVES, 2001, p 108).

Foi durante a construção desse açude em Macaúbas, mais especificamente no povoado hoje chamado de Açude, entre os anos de 1932 e 1936, que uma poesia foi criada e era, como contam, declamada pelos trabalhadores da obra. Tal poesia oral, intitulada ABC do Açude ainda é lembrada por algumas poucas pessoas e conta a trajetória desses trabalhadores.

Segue a transcrição da poesia, feita por um de meus interlocutores, Bio de Ângelo, que é também um dos poucos que ainda sabem da poesia completa atualmente:

ABC do Açude

“Aproveitando a sorte enquanto ela não desanda, senhor São Pedro, São Paulo, São Felipe, São Fernandes. Para cumpri minha sina, vim parar no Saco-Grande.

Bateu uma crise danada no município brotense, e aqui tinha socorro do governo fluminense, que obrigou-me arribar com tudo que me pertence

Cheguei aqui em Dezembro no rigor da carestia, procurando toda forma de fazer economia, mas tudo quanto eu fazia, Mané Trinchete comia

Depois saiu meu fiscal com quem eu era me alistado, passei custurar bruaca sem ter nenhum resultado. Até hoje tem mil e duzentos fiado

Escrevi uma cartinha, amigo Dr. Barreto, me protege nessa terra senão eu viro um esqueleto, me acabando na barrage e embarrigando a Zé Preto

Fiz outra bela cartinha pelo mesmo portador, porque nesta ocasião eu fiquei sem meu feitor. Até hoje ainda espero a resposta do doutor

Ganhava eu três mil reis, o menino mil e quinhentos, mais um prato de farinha, era dois e quatro centos, toicim a quatro mil reis, feijão a quatro e duzentos

Horário de seis a seis, meio dia um descansinho. Quando chegava da venda é que ia cuidar dum arrozinho, senão não dava tempo, se não voltar do caminho

Intregaro a buzina um negro do pé inchado, de dia vive dormindo e a noite embregado. Quando é as 4 horas ouve-se um búzio danado

Janeiro é mês rigoroso de 13 horas no dia. O pobre sendo obrigado, aqui nesta ispetoria com o mulambo no corpo e a barriga vazia

Ká faz parte, mas não entra na linguaje brasileira. Operário daqui também trabalha a semana inteira, recebe, porém não mete quarenta réis na gibeira

Ladruaje como aqui é uma coisa de horror. Começar de barraquista, operário e feitor. Aqui nesta ispetoria todo mundo é comedor

Mas o mundo esta tão péssimo que obriga sujeitar imposição de feitor e barraquista a roubar. E a muquirana roendo não tem tempo de coçar.

Na notícia que eu vinha desta ilustre companhia, que operário ganhava até dez mil réis por dia e que todo fim do mês o pagamento saía

Ó noticia miserável, espalhou por todo lado. Aqui tem um mexe mexe como tecido de aranha, operário bate nove e barraquista é quem ganha

Preço de trem na barraca, era o que o dono marcava, pois o vale só corria aonde o feitor mandava

Quando eu dou quatro e duzentos pelo um prato de feijão, que eu vejo lá na feira de dois prato por um tostão, da vontade de pegar meu vale e jogar no chão!

Reservando-me a soberba pra Deus não me castigar, se for pra receber vale eu deixo de trabalhar. Que não quero ter um amor para ver outro gozar

Se pego o infeliz do vale, vou fazer compra na venda. Compra quatro, cinco mil réis e não dar pra uma merenda

Teófilo adeus, meu caro Tio Tino Apontador fica ai com sua barrage que eu por aí já me vou

Universo está tão péssimo que obriga sujeitar uns vindo pra receber e outros pra comprar

Vou ver se arrumo um lugar que eu possa trabalhar pra doutor não marcar meu ponto nem buzina me acordar

Xuveu tanto em tantas partes, já se ver muitas farturas, na feira também se ver feijão e milho e rapadura. Vamos embora meus colegas deste “Saco de Usura”

Zefirino, adeus. Meu caro Tio Tino Apontador fica aí com sua barrage que eu por aqui já me vou pisilone é u grego, só serve para interar, o preço de dois mil réis fez a negra arribar

~ o til é a letra de Roma, não posso perde vista, Seu Doutor que fica ai com feitoures e barraquistas pegando todo dinheiro e entregando a João Batista”.

E aqui termina o ABC do Açude, com o “~” incluso no alfabeto.

Bio nos diz que aprendeu a recitar o poema de ouvido. Ouvindo os outros recitarem trechos que conheciam, conseguiu por meio dessa bricolagem de traços mnemônicos constituir este saber acerca da história do Açude de Macaúbas. Ele diz que aqui e ali um ou outro que tinha trabalhado na barragem sabia recitar dois ou três versos e ele foi juntando as partes até que decorou o poema todo. A poesia é um verdadeiro manifesto contra a exploração dos trabalhadores, é narrada em nome dos anônimos, dos não lembrados pela História, aqueles que deixaram rastros de memória que são reunidos em seus versos.

Além de Bio, outras pessoas me narraram suas histórias de vida que se relacionam diretamente com a história do Açude e, de certa forma, também com a poesia. Trata-se de pessoas que experimentaram a mudança do ambiente promovida pelas políticas de gestão da natureza levadas a cabo pela ideia de combate à seca e também da mudança ocorrida há pelo menos dez anos com a seca atual.

Antes de receber este nome, como podemos observar no poema, o povoado do Açude tinha o nome de “Saco Grande”. Alguns atribuem este nome à grande fartura encontrada na região pela agricultura e pecuária familiar, isto é, antes da seca. O eu-lírico fala no primeiro verso “para cumpri minha sina, vim parar no Saco-Grande”. Era Saco-Grande, chegou a seca e depois da construção da barragem para combatê-la virou Açude. Essa mudança de paisagem não parou por aí, pois o açude encontra-se seco há mais de 10 anos, não obstante, o nome permanece Açude, o que marca também uma esperança viva nas pessoas de vê-lo cheio novamente.

Ao longo da poesia, há uma crítica ao fato de que os trabalhadores da barragem sequer recebiam um salário, lógica de exploração comum em muitos lugares do Brasil. Em vez disso, recebiam um vale e eram obrigados a gastá-lo nas vendas dos “barraquistas”, que tinham seus produtos a preços abusivos. Os trabalhadores, portanto, mal podiam

arcar com as despesas de sua subsistência e os feitores e mandatários da obra, aliados aos “barraquistas” acabavam criando um monopólio de todo o produto do trabalho dos operários. Era um ciclo vicioso, de trabalho análogo à escravidão. França, de 74 anos, por exemplo, comenta que seu pai era açougueiro na época da construção da barragem e, em vez de vender diretamente para os trabalhadores da obra, era mais lucrativo vender para os barraquistas.

Dona Preta, de 104 anos, comenta que na época da construção da barragem, quando tinha por volta de 18 anos, chegaram pessoas de tudo quanto era lugar para trabalhar lá. Provavelmente muitos retirantes famintos atingidos pela seca empregados pelo “governo fluminense” para trabalhar na Inspetoria Federal de Obras Contra a Seca (IFOCS). Ela continua sua narrativa comentando as diversas mortes diárias que aconteciam não só entre as pessoas da região, mas também entre os trabalhadores da obra. Ela diz que chegaram para trabalhar na obra cerca de 5 mil pessoas, muitas delas crianças.

A buzina que servia para acordar os trabalhadores, também relatada no ABC, fez parte da experiência de Dona Beata, também de 104 anos, durante a construção da barragem. Lá das Covas, região mais afastada de Saco Grande era possível ouvir a buzina tocar para marcar o horário em que os trabalhadores deviam se apresentar para o serviço do dia. Beata diz que casou na época em que a barragem estava sendo construída, onde seu marido trabalhava: “quando tocava essa buzina ele saía na carreira com esses bois pra ir trabalhar”, ela nos conta. Ela comenta também que tanto seu marido quanto seu pai sabiam recitar o ABC do Açude todo e foi através deles que ouviu a primeira vez. Apesar dela não saber recitar a poesia completa, se lembra de alguns versos desconexos e curiosamente a recita em forma de cantiga, diferentemente de Bio, por exemplo, marcando uma outra forma de oralidade desta poesia.

Todas essas pessoas que viveram na época da construção da barragem ou pelo menos em seu início relatam com tristeza e horror a condição dos trabalhadores da obra. Muitos dos relatos se remetem ao ABC como memória e até mesmo como uma forma de comprovação dos fatos relatados. A menção ao ABC faz com que os relatos ganhem um tom de veracidade na fala dos interlocutores. O ABC do Açude é uma invenção no sentido que Roy Wagner dá ao termo e, neste sentido, opera experiências que são coletivas no contexto de construção da barragem e também da seca atual.

A despeito desses relatos, o açude em si é visto como um acontecimento benéfico para toda a região. Todos os relatos e narrações históricas a retratam como sinônimo de

grande fartura, tendo em vista não só a seca de 1930, mas também a atual. O próprio Bio, que nasceu no ano em que a barragem foi concluída, disse que foi pescador nas épocas de suas cheias e, além disso arrendava lotes cedidos pelo DNOCS mediante contratos para o cultivo. Era do cultivo desses lotes concedidos aos moradores do Açude que provinha a maior parte dos alimentos da região nas épocas de cheias do açude.

O ABC do Açude era disseminado de forma oral na época da construção da barragem. Nesse sentido, a poesia opera um intercâmbio de experiências, tal como descreve Benjamin (1994), ou seja, trata-se de um conhecimento tecido na substância mesma da vida, na forma como as pessoas a experimentam, e que é passado adiante e, neste sentido constitui aquilo que o autor chama de sabedoria. Essa sabedoria que é intercambiada, para o filósofo, estaria definindo com o advento da modernidade, principalmente devido a primazia da informação enquanto forma de conhecimento nesta época.

Seguindo ainda o argumento de Benjamin, o ABC do Açude, enquanto narrativa oral, pode ser visto da posição de um saber tido como “arcaico” frente a modernidade. Um conhecimento como este do ABC, produzido no interior da Bahia, da perspectiva de uma forma de conhecimento “moderna” e instrumental, marca a característica duplamente assimétrica, apontada por Latour (2003), do conceito de modernidade. Segundo o autor, quando nos remetemos à modernidade, “definimos, por contraste, um passado arcaico e estável” e, além disso, “a palavra encontra-se sempre colocada em meio a uma polêmica, em uma briga onde há ganhadores e perdedores, os Antigos e os Modernos” (2013, p.15).

Nesse caso, isso é expresso duplamente na constituição da poesia, que se desdobra aqui em duas hipóteses: primeiro, seguindo o argumento de Benjamin, por sua expressão enquanto saber tradicional; segundo por estar diretamente relacionado à questão da seca, símbolo do sertão nordestino, visto pelo senso comum (principalmente de regiões do Brasil tidas como “desenvolvidas”) como lugar de exceção e do atraso, marcando um “etnocentrismo interno” em relação a esta região.

Seguindo a primeira hipótese - de que a poesia é um saber tido como tradicional - ao traçar um panorama da primazia do conhecimento científico na modernidade, Ingold diz que “a sabedoria assumiu um lugar secundário diante da informação” (2012, p. 25). Como aponta o autor, temos a tendência a hipervalorizar o conhecimento racional-científico por sua pretensão de produzir provas e explicações acerca do mundo e da natureza das coisas. Essa expectativa que colocamos na ciência, de que ela é o *único* conhecimento

que pode desvelar a verdade, no entanto, muitas vezes não é alcançada, principalmente quando nos defrontamos com uma multiplicidade de saberes “não modernos” acerca do mundo.

Em segundo lugar, como demonstra Taddei (2017), o sertão (que é mais que um lugar, um “conceito”) é mistificado como sinônimo de Nordeste rural, especialmente pelo sudeste urbano. Apesar disso, o autor comenta que em debates filológicos ora o sertão aparece como derivado de “desertão”, ora derivado do latim “sertus” que significa entrelaçado ou enredado. Como comenta Riobaldo, personagem de Grande Sertão: Veredas, “o sertão está em toda parte” (2001, p.24). Seguindo o argumento de Renzo Taddei, no “início da colonização, o Brasil todo era sertão; com a expansão do Estado ao longo dos séculos XIX e XX, o país se ‘dessertaniza’ [...]” (Ibid., 154). A seca, por sua vez, “ressertaniza” o território dessertanizado devido a sua capacidade de desorganizar os processos sóciopolíticos locais. Em Macaúbas, nosso campo etnográfico, o açude lá construído no anos de 1930 foi uma tentativa do Estado de dessertanizar a região, mas que hoje encontra-se ressertanizado devido à seca atual.

A seca é tida como empecilho ao progresso, por isso o Estado recorre a projetos de modernização, como foi o caso da construção dos açudes no nordeste na década de 1930. É a forma que a política encontrou, por meio de suas agências federais (DNOCS), de “dessertanizar” a região, de combater a seca, causa do “atraso” da região semiárida.

O projeto colonial português teve um papel fundamental na constituição da seca enquanto um desastre sociopolítico. A colonização territorializou o semiárido ao implantar um modo de ocupação sedentarizado, proveniente de outros regimes ecossistêmicos. Em climas áridos e semiáridos no mundo todo predominam regimes de ocupação nômades e de migração estacional, praticada por humanos e não humanos dessas regiões (Ibid., 140-1). A implantação da propriedade privada e de um regime de progresso baseada em ideais etnocêntricos e “ecocêntricos” armou o palco para a constituição do semiárido como “máquina de guerra” contra a colonização que a territorializou (DELEUZE, GUATTARI, 1997), tendo em vista o caráter cíclico (e nômade) das secas.

Podemos dizer que a ciência moderna aliada ao capitalismo é uma grande máquina de destruir mundos, como coloca Isabelle Stengers (2018), no sentido em que há outras narrativas, outros “mundos possíveis” que não o dessa verdade unívoca da ciência, que exclui os demais, já que ela é o pensamento que vem coroar a modernidade pela dupla assimetria comentada por Latour. Considerar “mundos possíveis” é levar a sério uma

“proposição cosmopolítica” dentro das narrativas que as pessoas contam de si: as pessoas que narram suas histórias não descrevem o passado como descrevem um objeto, mas por sua memória subjetiva e inventividade prática, articulam este passado a maneira como se relaciona com ele no presente.

Temos que “levar a sério” narrativas como o ABC do Açude, que são mundos possíveis, histórias possíveis a partir de narrativas, levar a sério a invenção como criação de uma autorepresentação criativa e artística de si, do lugar em que se vive e de sua história contada. Essas pessoas com quem conversei são os agentes ativos destas histórias que contam, não de um pano de fundo bem definido da memória, mas a partir de sua percepção atual do ambiente e da maneira como relacionam o tempo presente com essa memória, é como diz o autor, traçar um caminho pelo qual podemos segui-los.

Retomando o argumento de Benjamin, esse conhecimento tecido na substância da vida, por oposição, como demonstramos até aqui, é deixado de lado pelo que chamamos de “modernidade”, que privilegia o conhecimento científico que classifica e ordena o mundo a partir de suas categorias. Com a ascensão da informação, ocorre uma decadência da narração como forma de conhecimento. É a distinção que a modernidade faz por oposição ao que é tido como “arcaico”: tudo aquilo que saia da lógica do capitalismo e da tecnociência.

No entanto, o que ocorre se observarmos mais de perto o caso da Macaúbas e do contexto de “modernização” trazido com o açude, vemos algo mais que uma simples oposição dicotômica entre modernos e arcaicos (que já diz muito por si só): a presença tanto daquilo que é tido como “moderno”, expresso na engenharia e na tecnociência que vem implantar a construção do Açude (que, diga-se de passagem, foi feito num local a partir da expropriação, por parte do Estado, da propriedade de um antigo coronel) e, hoje, nas práticas que vem contribuir o que podemos chamar de “convivência com o semiárido”; e, por outro lado, daquilo que é tido como “arcaico”, expresso na poesia do ABC do Açude, mas também numa imagem que se tem do que é o sertão.

O moderno depende do arcaico para se estabelecer: o moderno, ao criar este “outro”, começa a excluir outros mundos possíveis e impor sua visão. O arcaico é aquilo que deve se deixar de ser para se tornar um moderno, o que é uma contradição, já que essa passagem nunca se consolida efetivamente: é o que ocorre com o sertão enquanto lugar simbólico que aparece no imaginário como uma certa concepção daquilo que é tido

como oposto a noção de civilização, marcado por uma alteridade da ausência: seja de Estado, seja de “civildade”, ou mesmo de água.

Falando em mundos possíveis, não só o capitalismo tem a potência de desestruturar mundos (de maneira epistemológica e biofísica), mas também, e de uma maneira diferente e localizada, o ambiente e, em particular a seca, com seus graus de incerteza pode criar e recriar as condições de vida no espaço. Podemos dizer que a barragem construída em Macaúbas trouxe um novo mundo, com possibilidades outras para a vida, para a relação das pessoas de Saco Grande e que depois passou a se chamar Açude. Em “Há mundo por vir?” (2017), Eduardo Viveiros de Castro e Déborah Danowski demonstram diferentes formas de conceber os fins de mundo por diferentes culturas. A essa miríade de perspectivas, talvez poderíamos acrescentar a de que o açude seco seja como o mundo (um mundo particular) acabar para as pessoas da zona rural de Macaúbas.

Esse mundo que foi construído numa empreitada modernizadora e que acabou (tanto para humanos quanto para não humanos) com a seca atual do açude, deixou rastros mas também deu abertura para pensar outras formas de se relacionar com o ambiente, agenciando natureza e cultura no contexto do semiárido: não mais por políticas de combate à seca, como medida estatal para “salvar” a região de sua própria formação biofísica, mas com o que poderíamos chamar de convivência com o semiárido num amplo sentido, matizado em políticas públicas implantadas nos últimos anos (particularmente nos governos do PT), como por exemplo com a entrega de cisternas para a população.

O ABC do Açude, neste contexto, é a *invenção da cultura* entre estes dois mundos, o da seca e o da fartura, elemento simbólico de uma memória que articula o passado enquanto ética da ação presente. Se na época da construção da barragem o ABC surgiu como elemento de oposição e denúncia à exploração sofrida pelos trabalhadores, hoje articula estes mesmos ideais numa narração tem uma tarefa política muito clara: lutar contra o esquecimento dos mortos e explorados, o que significa também lutar contra a repetição de histórias parecidas no presente, ainda que, infelizmente, esse cenário seja atual no Brasil, vide a portaria 1.129 de 2017 que altera e exclui a definição de trabalho escravo.

Assim, sem pretender estabelecer um estatuto da verdade da narração, mas a tomando como um saber histórico legítimo, ainda que sendo algo oposto a História positivista, Jeane Marie Gagnebin diz que “a preocupação com a verdade do passado se completa na exigência de um presente que, também, possa ser verdadeiro” (2006, p. 47). O ABC do Açude trata justamente disso: de deixar viva essa memória, não apenas para

lembrar do passado, mas como uma forma de “presentificar” experiências de vida que são coletivas e individuais.

Faz-se necessária também uma reflexão de como estas obras de engenharia ambiental de determinação e domesticação do espaço alteram os modos de vida dos povos que ali vivem, como no caso da construção dos açudes pautados num paradigma de combate à seca e de “salvação” do semiárido de sua própria constituição biofísica. Se por um lado os açudes trazem água para a região, por outro, essas obras agenciam os modos de vida ali presentes, não apenas modificando a paisagem, mas domesticando o espaço e as práticas de cultivo da terra naquela região de forma unilateral, pautados num ideal de modernização. Apesar dessas obras contra a seca, muitas das pessoas que habitam o semiárido tem buscado outras formas de lidar com a questão, pautadas no princípio de convivência com o semiárido². Conviver e não combater, saber lidar com a terra e suas especificidades, não se pautar por modelos colonizadores da terra e das pessoas que ali habitam, como nos denuncia o ABC do Açude.

Referências

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In.: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Brasiliense, São Paulo, 1994, p.197-221.

BERGSON, Henri. *Matéria e Memória: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Martins Fontes, São Paulo, 2006.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças dos velhos*. Companhia das Letras, São Paulo, 1994.

DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins - 2. ed. - Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie: Instituto Socioambiental*, 2017.

DELEUZE, Gilles. *Bergsonismo*. Editora 34, São Paulo, 1999.

² para mais informações, ver o site da Articulação do Semiárido Brasileiro: <https://www.asabrazil.org.br/>

- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia, vol. 5. Editora 34, São Paulo, 1997.
- DESCOLA, Phillipe. Outras Naturezas, Outras Culturas. Editora 34, São Paulo, 2016.
- EISENSTADT, S. N.. Modernidades múltiplas. Sociologia, Problemas e Práticas, Oeiras, n. 35, p. 139-163, abr. 2001. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65292001000100007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 30 ago. 2018.
- FERNANDES, Dayane; FIGUEIREDO, Felipe. Saberes e sabores de um corpo-etnógrafo no mundo. PENSATA: Revista dos Alunos do PPGCS-Unifesp, Guarulhos, 2017.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Lembrar escrever esquecer. Editora 34, São Paulo, 2009.
- INGOLD, Tim. Caminhando com dragões, In.: Cultura, Percepção e Ambiente. STEIL, Carlos Alberto; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura (orgs.), Editora Terceiro Nome, São Paulo, 2012
- _____. Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Vozes, Petrópolis - RJ, 2015.
- INGOLD, Tim; JANOWSKI, Monica. Imagining Landscapes: Past, Present and Future. Routledge, Londres, 2012.
- LATOUR, Bruno. Jamais Fomos Modernos. Editora 34, São Paulo, 2013.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. O Pensamento Selvagem. Papyrus, Campinas – SP, 1989.
- MEDEIROS, Rondinely Gomes. Mundo Quase Árido, 2014. Disponível em <<https://osmilnomesdegaia.files.wordpress.com/2014/11/rondinely.pdf>>. Acesso em 07 de Maio de 2019.
- NEVES, Frederico de Castro. Getúlio e a seca: políticas emergenciais na era Vargas. Rev. bras. Hist., São Paulo, v. 21, n. 40, p. 107-129, 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882001000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15 de janeiro de 2018.
- NIETZSCHE, Friedrich. Além do Bem e do Mal: prelúdio a uma filosofia do futuro. Companhia das Letras, São Paulo, 2005.

- POMPONET, André Silva. 100 anos de DNOCS: marchas e contramarchas da convivência com as secas. In: *Conjuntura & Planejamento*, n.162, Salvador.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa* (tomo I). Papirus, Campinas, SP, 1994.
- ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2001.
- STENGERS, Isabelle. *No Tempo das Catástrofes – resistir à barbárie que se aproxima*. Cosac Naify, São Paulo, 2015. INGOLD, Tim. *Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Vozes, Petrópolis - RJ, 2015.
- _____. A proposição cosmopolítica. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n69, p.442-464, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i69p442-464>>
- TADDEI, Renzo. *Meteorologistas e Profetas da Chuva: Práticas e políticas da atmosfera*. Terceiro Nome, São Paulo, 2017.